

AS NARRATIVAS DO POVO INDÍGENA XAKRIABÁ SOBRE O ENCANTADO ONÇA CABOCLA IAIÁ

The narratives of the indigenous people xakriabá about the onça cabocla Iaiá

Heiberle Hirsberg Horácio¹

Resumo

Neste artigo pretendo exibir as narrativas do povo indígena Xakriabá relacionadas ao encantado Onça Cabocla Iaiá, bem como tecer breves apontamentos que permitam reflexões sobre esse encantado no cotidiano dos Xakriabá, povo indígena que possui uma população aproximada de 11000 indígenas e habita a microrregião do Vale do Peruaçu (Alto Médio São Francisco), na margem esquerda do rio, entre os biomas da caatinga e do cerrado. Neste artigo foram inseridas diversas transcrições das narrativas dos próprios Xakriabá, para que o leitor possa, ele mesmo, tomar contato com algumas delas.

Palavras-chave: Xakriabá. Narrativas. Onça Cabocla Iaiá

Abstract

In this article I intend to show the narratives of the indigenous people Xakriabá related to Onça Cabocla Iaiá, as well as narrate brief notes that allow reflections on this Onça Cabocla in the daily life of the Xakriabá, indigenous people with an approximated population of 11.000 individuals and live in the micro region of the Peruaçu Valley (Alto Médio São Francisco) on the left bank of the river, between the biomes of caatinga and cerrado. In this article were inserted several transcriptions of the own Xakriabá, so the reader can himself contact some of them.

Keywords: Xakriabá. Narratives. Onça Cabocla Iaiá

1 APRESENTAÇÃO

É a onça caboca. É a onça caboca.
Qu' é a Iaiá nossa.
Por duas veiz meu fii,
Ela deu o subeio aí, ó.
Que ela visita todas aldeia.
Toda aldeia de índio ela vai visitar.
Em todas elas.
(Dona Ercina, indígena Xakriabá).

Neste artigo pretendo exibir as narrativas do povo indígena Xakriabá² relacionadas ao encantado Onça Cabocla Iaiá, bem como tecer breves apontamentos que

¹ Pós-Doutor em Ciências Sociais (UFJF). Doutor e mestre em CRE (UFJF). Especialista (UFOP) e Graduado em Filosofia (UFSJ), professor Depto de Filosofia (Unimontes) e coordenador do curso de Ciências da Religião (Unimontes). **Email:** heiberle@hotmail.com

permitam reflexões sobre esse encantado no cotidiano dos Xakriabá, povo que possui uma população aproximada de 11000 indígenas e habita a microrregião do Vale do Peruaçu (Alto Médio São Francisco), na margem esquerda do rio, entre os biomas da caatinga e do cerrado. Neste artigo foram inseridas diversas transcrições das narrativas dos próprios Xakriabá, para que o leitor possa, ele mesmo, tomar contato com algumas delas, já que não é o propósito do artigo fazer uma análise da mitologia Xakriabá, do tipo estruturalista ou por uma perspectiva da mitologia comparada, por exemplo.

O povo Xakriabá se estabelece na Terra Indígena Xakriabá, demarcada em 1979 e homologada em 1987, em 37 aldeias distribuídas em uma área de aproximadamente 54 mil hectares³. O povo indígena Xakriabá que já havia sido atingido por vários atentados mortais e violações de seus direitos, sofreu um genocídio em 12 de fevereiro de 1987, e só após essa tragédia teve sua terra homologada. No genocídio sofrido pelo povo Xakriabá houve a execução dos indígenas José Santana, Manuel Fiúza e Rosalino Gomes de Oliveira, que na época era o segundo cacique Xakriabá. Cacique Rosalino é elemento presente nas narrativas existentes entre os Xakriabá, assim como a Onça Cabocla Iaiá, embora apareçam de maneiras distintas nessas narrativas.

O encantado Onça Cabocla Iaiá, conforme relatos de alguns indígenas Xakriabá, é considerada a avó de todos eles e habita a Terra Indígena Xakriabá⁴. As narrativas sobre ela coexistem com as concepções religiosas de parte desse povo indígena.

2 AS NARRATIVAS SOBRE A ORIGEM DA ONÇA CABOCLA IAIÁ

Iaiá era uma vó, ela era uma índia igual nós. Ela saiu. Ela e um irmão dela. Aí, quando ela chegô no mato, ela tava com fome.
Aí, ela disse pro irmão:

² Há atualmente pelo menos dois modos de escrita do nome Xakriabá/Xacriabá, ambos, inclusive, utilizados pelos próprios indígenas.

³ Que inclui a Terra Indígena Xakriabá e a Terra Indígena Xakriabá Rancharia. Segundo o pesquisador Cássio Alexandre, “a Terra Indígena Xakriabá Rancharia se desenvolve pelos municípios de Itacarambi e São João das Missões e possui uma superfície de 6798 hectares, que foi homologada em 5 de maio de 2003. Assim, as terras Xakriabás são ampliadas, e juntas se identificam como um único território” (2014, p.160).

⁴ A consideração feita pelo pesquisador Rafael Barbi em sua dissertação é fundamental para observarmos, com as devidas cautelas, generalizações que causam perigosas reduções sobre os Xakriabá. Quanto a isso, a fala do pesquisador Rafael Barbi é significativa: “Peço licença aos meus colegas e amigos Xakriabá por algumas generalizações aqui nas referências feitas aos ‘Xakriabá’, esse plural construído através da convivência e de uma história conjunta, do compartilhamento da terra, dos laços de parentesco e dos elementos cosmológicos implicados nesse conjunto. Porque os Xakriabá são tão similares entre si quanto são diversos, algo que eles têm consciência e a que se referem com frequência. (COSTA E SANTOS, 2010).

- Ieu não come carne. Ieu vou matar uma réis, só vô bebê o sangue, praquê eu num come carne.

Aí, ela falô:

- Toma aqui esse cachimbo e fica cum ele. Eu vou mata a réis e bebê o sangue e vô vim cum a boca aberta.

Aí, ela cendeu o cachimbo e tirou três fumaçada e deu ele o cachimbo pra ele segurá e falô:

- Quando ieu volta cum a boca aberta, ucê põe o cachimbo na minha boca.

Aí, quando ele viu ela como uma onça ele ficô cum medo e correu cum o cachimbo na mão. Aí, não deu tempo dela desencantar. Aí, ela continuou sendo onça encantada pro resto da vida.

Ela é a protetora dos índios xacriabá abaixo de Deus.

(Seu Emílio, liderança Xakriabá).

Em outro artigo (HORÁCIO, 2008) indiquei que há indígenas Xakriabá que se autodeclaram católicos, maior parte, e que há aqueles que se autodeclaram evangélicos, e que há em algumas aldeias da Terra Indígena Xakriabá igrejas católicas e pentecostais, como a Congregação Cristã do Brasil, e a Assembleia de Deus. Ademais, mencionei que os Xakriabá são atendidos em suas aldeias – com batizados e casamentos, por exemplo-, pelo padre da Paróquia São João Batista do município de São João das Missões, onde se localiza a Terra Indígena, executam rituais do catolicismo, com elementos Xakriabá⁵, e realizam benzeções⁶ e o Toré, conjunto ritual que será apresentado ao longo deste artigo.

É nesse contexto que estão inseridas as narrativas sobre o encantado Onça Cabocla Iaiá, sendo que os “encantados são seres históricos, cuja gênese está no ‘encantamento’ de algum índio de valor” (ARRUTI, 2006, p.7), e a “relação com eles pode proporcionar conhecimentos que apenas esses seres ‘extra-humanos’⁷ possuem” (HORÁCIO, 2018, p.11). A respeito do encantado Onça Cabocla Iaiá, observam-se

⁵ Compartilho de uma perspectiva de estudos que não se interessa em mobilizar os conceitos de sincretismo ou hibridismo, em suas diversas matizes, isso porque privilegia as dinâmicas específicas dos agenciamentos, e porque considera, e por isso é sempre cautelosa, que o trabalho de campo não deve estar subordinado a nenhum conceito prévio que venha apenas reificar o campo.

⁶ De acordo com Costa e Santos, “A ideia de benzer entre os Xakriabá carrega uma conotação muito ampla, indicando a capacidade de fazer bem através de algum ato sobrenatural, o que varia desde reformar uma cura a identificar um feiticeiro. O feitiço é a contraparte do benzimento e indica um ato deliberado de fazer mal por meios sobrenaturais. Os atos de benzer ou fazer feitiço são referidos como cruzar o ramo, e os Xakriabá indicam que seu processo é o mesmo, o que acaba por tornar todo benzedor/curador num feiticeiro em potencial.” (2010, p.170).

⁷ Aqui, como eu já havia feito em outro artigo (2018), sigo a leitura de Costa e Santos que indica que “Andrade (2008) utiliza a expressão “extrahumanos” porque julga a atribuição de “não humanos” inadequada aos Encantados, uma vez que os últimos podem ser pessoas que se encantaram, cujas humanidade pode ser percebida pelos mestres do Toré. Uma vez que alguns encantados entre os Xakriabá são gente encantada, não julgo correto afirmar que tratariam de “não-humanos” – uma vez que os próprios índios lhe atribuem humanidade”. (COSTA E SANTOS, 2010, p.156). Para uma leitura divergente, ver o trabalho de Souza (2015).

traços comuns nas diferentes narrativas sobre a sua origem, como pode-se constatar através da narrativa seguinte, comparando-a com a que foi trazida como epígrafe no início desta parte do artigo.

Eram duas irmãs. Saíram pro mato. Quando chegaram lá, foram apanhar lenha. Uma ficou juntando lenha, e ela, chegou lá na hora dela ir fazer os trabalhos, falou:

- Ó fulana, quand'eu vim de lá, ah!, tenho uma boc'aberta. Cê pega, e ponh'uma foi verde na minha boca, pra mod'eu disvirá. Pu'qu'eu venho d'oto jeito, mas eu num vou fazer medo no cê não.

Quando ela, de lá, veio, a irmã pegou, saiu. Correu. Não aguentou. Subiu num pau.

Ela passou e, com isso, não desvirou mais. Ela ficou...

Ficou sendo mandatária. A que comandava a reserva. Mas ela sendo uma mesma gente. Ele ficou corregendo todas as reservas. É só uma, num é duas não. (XACRIABÁ, 2005, p.111).

Baseando-se nas narrativas de origem desse encantado, incluindo as duas versões supracitadas, observa-se que a Onça Cabocla Iaiá é a protetora da Terra Indígena, e que era uma indígena que se transformou em onça e que, ao procurar ser transformada novamente em indígena, não foi reconhecida pela pessoa responsável por reverter a transformação (o encantamento). Por isso, ela permaneceu onça e vive desde então e desde sempre na Terra Xakriabá. Comparando as diferentes narrativas existentes, além das duas acima mencionadas, constata-se que em grande parte delas a indígena se transforma em onça para ir atrás de uma novilha. Há relatos que dizem que a novilha seria para alimentar o povo Xakriabá. Aparece, também, de modo recorrente a versão que a indígena que seria responsável por transformar a onça novamente em indígena, não o fez porque se afastou por medo, ao ver a boca suja de sangue da onça após capturar a novilha.

Importa dizer também que todas as narrativas chamam a atenção para a necessidade de que fosse colocado algo na boca da onça para ela “voltar” a ser indígena. Em algumas narrativas o elemento que deve ser colocado na boca é um cachimbo com fumo, em outras um “ramo”. Ademais, a pessoa que acompanha a indígena e que é responsável pela transformação, pode aparecer como um irmão, como uma irmã, ou como a mãe⁸.

⁸ Há uma variação, que aparece em um livro de histórias Xakriabá. Este livro traz experiências literárias dos professores Xakriabá, experiências que surgiram a partir de histórias contadas por uma liderança indígena. Nessa versão, a Onça Cabocla aparece como um indígena e não como uma indígena, conforme

3 NARRATIVAS SOBRE AS RELAÇÕES DOS INDÍGENAS COM A ONÇA CABOCLA

Em outras narrativas sobre a Onça Cabocla, para além das narrativas de origem da Iaiá, pode-se observar que há sempre forasteiros que buscam tirar vantagens da Terra Indígena, ou agredir os Xakriabá, ou desafiam e duvidam da Onça Cabocla. Em todos os casos, as narrativas mostram que os forasteiros agressores/desafiadores acabam por sofrer algum tipo de infortúnio, conforme ilustro a seguir:

Essa foi uma terra escriturada. Como tem na nossa Reserva, a nossa Caboca. Toda vida meu tronco véi não acertava questão, ele mandava era ela acertar. Se o cara tal'e vez entrava pra acertar questão, o outro desse parte fora, teimasse, ele mandava a Cabocla acertar. Antão essa Cabocla pegava e dava um coro nele.

Se ele tivesse uma criação, ela ia lá, passava a mão no que ele tinha, derrubava tudo, 'rastava e botava na porta da varanda. Ele ia com dois, treis, subia em cima do pau: 'Vô mata esse trem, vô mata essa onça, vô mata essa onça'. Quando o galo cantava, o dia ia 'manhecendo': 'Ela não vem mais não', ele entrava, quando amanhecia o dia, que ele ia abrindo a porta, caía um bocado pro lado de dentro.

Daí ele ia pensar a vida, que esse negócio era encantado, não dava pra ele ver e nem atirar nela. Ele passava a conhecer que é o dono da terra. O dono da terra é uma dona invisível, que precisa saber a pessoa que conversa com ela.

Ela é um respeito den'dessa Reserva. Nós temos quer respeitar esse respeito. E tem muita gente que não tem o conhecimento. Mas se chegar a entrar uma pessoa de fora e disser assim: 'vamos intrá contra os índio daqui'! Dizer que a nossa Cabocla... a nossa Reserva. Ela dá o coro pra conhecer essa área, ela tem respeito pra quem conhece. Pra quem não conhece...

Agora eu faço o teste pra qualquer um fio de Deus, pra isso Deus me deu licença. Deus me deu licença den'dessa Reserva. Eu converso com ela, dou pinga a ela, dou fumo pra ela pitar, dou de tudo na minha mesa e eu chamo qualquer um desses caboclos. Eu chamo ela na mesa. (XACRIABÁ, 2005a, p.53).

Tinha um homem na Prata.

Ele falava
que não tinha medo
da Iaiá Cabocla

pode-se ver a seguir: "Aqui no Xacriabá / Tem a nossa Iaiá / Uma onça invisível / Você pode acreditar; /Antigamente existiam /Em todas nossas aldeias / Muitas caças lá do mato / E também muitas abelhas; / A gente comia as caças / Que existiam por lá. / Esta é uma história / Que nunca pode acabar.; / Lá mesmo aconteceu História de arrepiar: Dois irmãos foram pro mato Dizendo que iam caçar; Quando chegaram no mato/ A fome pôs-se a apertar / Fizeram uma simpatia / Para a fome não matar: Um deles pegou três folhas /E saíram pra um lugar / Onde tinha um gado gordo / E bom de aproveitar ; As folhas ele pegou / Pra quebrar a simpatia / O medo foi apertando /Que suas pernas já tremiam; O índio virou uma onça /Conforme o combinado / E veio logo correndo / Pois tinha matado o gado / Querendo as folhas na boca; Ela veio se aproximando / Seu parceiro não resistiu / E correu logo chorando; A terra Xacriabá /É uma terra querida /O coitado do rapaz /Encantou pra toda vida". (XACRIABÁ, 2005b).

e ele tinha coração de gado.

Então, ele falava
se ela pegasse um gado dele
ele cortava
ela no facão.

Justamente
na frente da casa dele
era um alto escalavrado.

Então um dia
ela derrubou um garrote de dois anos
em frente à casa dele.

Então, pra ser livre,
foi preciso ele ir à casa de Estevo Gomes que é quem dominava ela.
(XACRIABÁ, 2005b).

Nas narrativas acima, além de observar os desfechos desastrosos de quem duvida ou desafia a Onça Cabocla Iaiá, pode-se constatar como ela aparece como a protetora da Terra Indígena Xakriabá. Ademais, nota-se que algumas pessoas são capazes de se comunicarem com a Onça Cabocla Iaiá, comunicação que não necessariamente se dá pelo ritual do Toré, ritual apropriado para tal fim⁹, mas também, por exemplo, quando Iaiá é invocada nos trabalho de mesa.

Das diferentes narrativas com as quais eu tive contato sobre a Onça Cabocla Iaiá, o nome do indígena Estevão Gomes, como um “interlocutor” da Onça, foi o que mais apareceu. Como as narrativas que seguem podem ilustrar:

Iaiá Cabocla vinha dentro da área e assobiava uma música. Ela vinha e conversava com o índio Estevo Gomes de Oliveira. À noite, o Estevo falava com a Iaiá Cabocla conversando sobre como estavam as coisas naquela ocasião. Então, nesse tempo, eles agradavam a Iaiá Cabocla com fumo, e quando vinha uma pessoa fraca, ela ficava nervosa porque eles conversavam coisas que não agradavam a ela. Ela batia de chicote e corria com eles da casa. Precisava conversar com o Estevo Gomes de Oliveira. Aí ele ia, conversava com ela, e ela deixava de mão. A música que ela tocava era linda. Aqui dentro da área tem um encanto muito lindo e uma luz. Ela caminha em volta da nossa área. Ela anda, sobe e desce e volta da nossa área. Ela roda em volta do coqueiro de três galhos que tem na grota do arrozal. O nosso cacique Manuel Gomes de oliveira e o nosso pajé José Gomes de Oliveira, falecido.

⁹ O pesquisador Rafael Barbi (2010; 2014) menciona Iaiá como elemento poderoso do trabalho de mesa, e Fernandes (2008) escreve como S. Evaristo, pajé e liderança da Aldeia Caatinginha, menciona invocar a Onça Cabocla no trabalho de mesa.

Uma lembrança do índio velho João Barbosa dos Santos, com 75 anos. (SILVEIRA, 2005, p.50).

Aqui na nossa aldeia tem uma cabocla índia, Ela é uma onça, mas ela é uma índia encantada. Ela conversava com os índios mais velhos que já morreram, conversava com Estevão Gomes. Ele é irmão do avô da minha mãe, um homem que chamava Adrião. Estevão Gomes, quando via gente de fora na aldeia, o cabelo dele arrepiava. Os índios mais velhos entendiam, sabiam que ela estava querendo fumar. Eles iam colocar fumo para ela, mas não viam e nem conversavam com ela. Era só o Estevão Gomes. Abaixo de Deus, ela é a defesa da nossa aldeia. (...) Estevão Gomes era índio e adivinhão, conversava com a cabocla índia, que é a defesa da nossa aldeia. Nós não vemos ela, mas direto ela vive no meio de nós. (XACRIABÁ, 2005c, p.50).

Como foi dito anteriormente, observa-se nas citações acima que é recorrente o nome de Estevão Gomes como um indígena capaz de conversar com a Onça Cabocla. Ele, embora não seja o único indígena a aparecer nas narrativas como capaz de ver a Onça Cabocla¹⁰, foi significativamente o mais citado como comunicador preferido desse encantado. Outro elemento recorrente dessa “relação”, ou das preferências da Onça Cabocla, é o fumo, que aparece constantemente como elemento presenteado à Onça Cabocla. Vale destacar que as várias narrativas que colocam Estevão Gomes como companheiro da Onça Cabocla, o inserem, de algum modo, no “panteão” dos indígenas presentes nas narrativas dos Xakriabá, assim como o Cacique Rosalino, o Cacique Rodrigão e outras lideranças e encantados. Obviamente que há a necessidade de se distinguir o lugar diferente que cada um desses elementos ocupa nas narrativas Xakriabá.

A despeito de ainda existirem indígenas que veem a Onça Cabocla, como seu Emílio Gomes, uma das mais antigas lideranças Xakriabá, há significativas narrativas que indicam que os indígenas do tronco antigo viam com mais frequência, e até mesmo conversavam com ela. Ademais, como já mencionei, há um ritual específico para a comunicação com a Onça Cabocla Iaiá, que é o ritual do Toré Xakriabá.

O Toré é um conjunto ritual para a comunicação com a Onça Cabocla Iaiá (PARAÍSO, 2008; COSTA E SANTOS, 2010) que faz uso do tabaco e a ingestão da jurema, e é realizado no terreiro arrumado pelo “cozinheiro”. O “cozinheiro” também

¹⁰ Neste artigo já foram mencionados os nomes de Estevão Gomes e do S. Evaristo como interlocutores da Onça Cabocla. Além deles, existem outros, como a liderança indígena Emílio Gomes da Aldeia Pedra Redonda que relata já ter recebido visitas da Onça Cabocla Iaiá, assim como ter conversado com ela: “Eu vi muitas vezes ela fazer [beber o sangue de cachorro novo, após furar a cabeça] na casa do meu pai. Nós estávamos tudo junto em casa; ela chegou, conversou e nem foi difícil conversar com ela. Ela gosta muito de mãe. Ela quase não mata mais novilhas.” (XACRIABÁ, 2005, p.48).

prepara os objetos que ficam guardados e que são utilizados no conjunto ritual. Esses objetos, chamados de tralhas, são as tigelas, as bebidas, as vestimentas e o bastão. Também podem participar do Toré: o pajé - em uma função essencial no ritual, organizando e sendo responsável pelo andamento do mesmo-, a madrinha, que é a mestra do terreiro – responsável por guardar as tralhas-, os raizeiros, os benzedeiros e curandeiros. (HORÁCIO, 2018, p.32). Os participantes devem estar descalços e vestindo roupas brancas. (PARAISO, 2008, p.317).

O Toré Xakriabá “foi designado como expressão de indianidade¹¹ desse povo indígena, bem como elemento mobilizado pelas lideranças na luta por reconhecimento”. (SANTOS, 1997, p.118). Segundo Rafael B. Costa e Santos, o Toré Xakriabá figura “como parte integrante da cosmologia do grupo, de sua religião, de sua vida” (COSTA e SANTOS, 2010, p. 202).¹²

Na dimensão secreta do Toré há a consulta da Onça Cabocla Iaiá. Trago aqui um relato, que já fora mencionado por mim em outro artigo (2018), de um Toré secreto. Relato que fora feito pela pesquisadora Maria Hilda B. Paraíso¹³ com o objetivo, entre outros, de apresentar como a Onça Cabocla Iaiá aparece nesse conjunto ritual.

Acompanhamos, após termos sido autorizados pela mestra, essa coordenadora e seu marido, que ia à frente abrindo a picada com facão. O terreiro é de chão batido e limpo de toda a vegetação, tem forma retangular e se localiza num ponto do qual é possível ver a Gruta Grande, onde vive Yayá. Numa das extremidades, fica um pequeno monte de pedras no qual se guardam os objetos do ritual, inclusive, os restos da bebida sagrada. A participação plena no ritual só é permitida aos ‘conhecedores da ciência’ que, para tanto, tem o sangue de Yayá e não são casados com os ‘bairanos’. (...) Após alguns momentos de dança ao som ritmado de cânticos, o bastão sagrado inicia seu trabalho. O bastão, segundo informações do Cacique, é de ‘tamanho médio’ e feito de madeira e só pode ser tocado por ele.

¹¹ “No processo de homologação da Terra Indígena Xakriabá a Funai, em uma ação que demonstrava a falta de conhecimento desse órgão e sua imperícia, exigiu elementos que comprovassem a indianidade dos Xakriabá, ou seja, se eles eram índios. O Toré era um dos elementos que, para o órgão supracitado, demonstrava a indianidade dos Xakriabá”. (HORÁCIO, 2018, p.10).

¹² “Atualmente, esse Toré possui duas dimensões: uma externa ou pública, e a outra secreta. Sobre a dimensão pública, ela “passa a ser representada pela performance, que reúne dança e cantigas de evocação à onça cabocla” (OLIVEIRA, 2008, p.67), e surge da necessidade da existência de representações públicas das práticas rituais dos Xakriabá. Já a dimensão secreta do Toré Xakriabá, é realizada nos terreiros específicos do território indígena, em lugar de difícil acesso, conhecido apenas pelos envolvidos diretamente no ritual, e que sempre é mudado de lugar para a manutenção do segredo”. (SILVA, 2011). (HORÁCIO, 2018, p.33).

¹³ “Considero que a observação feita pela pesquisadora não contraria o caráter secreto e sagrado do Toré, sendo que ela foi uma das responsáveis pela elaboração de um laudo pericial relacionado aos Xakriabá. Sobre isso, diz Costa e Santos “o Toré só foi revelado em contextos nos quais poderia ser convertido no tipo de “prova” demandada pela FUNAI, pois sua condição de segredo se relaciona tanto com uma pesada história de repressão à religiosidade Xakriabá quanto a elementos que são intrínsecos à relação com os encantados. (2010)”. (HORÁCIO, 2018, p.32).

Qualquer outra pessoa que o faça terá morte instantânea. O pajé recolhe as ‘traias’ e a bebida guardadas no monte de pedras e as coloca no perímetro da área limpas. O bastão, então, inicia a sua dança, emitindo fumaça pelas extremidades. Termina sua dança em cima da grande tigela de jurema, quando faz uma grande cruz. Esse é um sinal usado por Yayá para indicar as pessoas para as quais falará naquela noite. Após esse ato, inicia-se a distribuição da jurema em pequenas tigelas em quantidades definidas pelo pajé como adequadas a cada participante. Seu efeito alucinógeno dura entre duas a três horas. A cada um selecionado a onça cabocla responde, avisa sobre perigos, orienta e repreende quando seu comportamento não é compatível com as necessidades e as normas da comunidade. Com o cacique e os representantes de várias aldeias, fala sobre como administrar crises, e como orientar as relações interétnicas. Daí ser essencial ‘saber da ciência’ e participar do ritual para ter reconhecida socialmente a sua liderança e o cargo de chefia. (PARAÍSO, 2008, p.317).

Nessa descrição do Toré, pode-se notar o modo de operação do ritual de comunicação com Iaiá, e ainda alguns elementos presentes nas narrativas sobre ela, como a menção à Gruta Grande, suposta “morada” sagrada da Onça Cabocla Iaiá. A respeito da relação da(s) “gruta(s)” com a Onça Cabocla Iaiá, há falas que mencionam que ela habita as grutas. É importante mencionar que existem várias grutas na Terra Indígena Xakriabá, e que essas cavidades rochosas possuem significados muito importantes para esse povo, inclusive porque em uma gruta foram escondidas/guardadas pelos Xakriabá as tralhas do Toré, quando muitos Xakriabá foram violentados e vários deles desapareceram em decorrência de um trágico episódio, ocorrido em meados da década de 1920, e que ficou conhecido como Curral de Varas. Esse episódio de violência contra os Xakriabá os obrigou a esconder/guardar os objetos (tralhas) utilizados no ritual do Toré, os quais só foram encontrados no início da década de 1970 “em uma gruta dentro da área, sendo levados à FUNAI para comprovar a indianidade do grupo.” (SANTOS, 1997, p.51).

Os encantados “ocupam marcos na paisagem: os tabuleiros, as áreas de gerais e, principalmente, as lapas” (COSTA e SANTOS, 2010, p.156 e 162), assim como a Onça Cabocla Iaiá que “habita as grutas e olhos d’água”. (SILVA, 2011, p.62). Essa relação dos encantados com a Terra Indígena Xakriabá pode ser no mínimo ilustrada pela fala de Dona Ercina:

E antônce, essa, a dona da aldeia, da aldeia, meu fio, ó, sem mentira nenhuma, ali no pedaço da noite, ali a barra de dez pra onze da noite, já aconteceu aquilo por duas veiz. Por duas vezi, bem aqui nesse rumo aqui, naquela grota que desce aqui, ó.Nessa grota que desce aí. Ali, ó. Ali ela deu um sobeio. Ela deu um sobeio. Eu tava daqui a porta aberta, ainda tinha fechado não. Num inda tinha acabado de rezar. Eu tava rezando. Ela deu subeio no rumo daquele pau grande, daquel’ruera

lá, ó. Mas na grota! Um subeio. Mas um subeio, meu fio, mas é um assubeio f i n o que num tem mais pra donde. Bom, eu assuntei feito tarudo, cabou. Aí passou, passou, passou uns pouco de dia assim, feito coisa assim de um mês, ela tornou a dar outro subeio. Na mesma confrontação. Mas na grota aí. Que de lá o subeio vem direitinho assim, aqui nessa porta í, ó.

- Quem é essa?

- É a onça caboca. É a onça caboca. Qu' é a Iaiá nossa. (XACRIABÁ, 2005, p.37).

Na fala supracitada, além da presença da Iaiá na “paisagem” da Terra Indígena Xakriabá, pode-se compreender a explicação do pesquisador Rogério Correa da Silva quando ele afirma que “existem vários sinais emitidos pela onça que atestam sua presença como assobios, cantos, rugidos, vendavais, confusões nas capoeiras e batidas nas portas das casas durante a noite”. (SILVA, 2011, p.65).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS DESTE ARTIGO

Resta chegar ao fim, apenas deste artigo, destacando alguns outros elementos presentes nas narrativas sobre a Onça Cabocla Iaiá, como o fato de ela ser protetora das crianças¹⁴, de se transformar em outros animais, de ser um ancestral comum - ou seja, um antigo que se encantou, já que há narrativas que mencionam a transição de alguns antigos para a condição de encantados -, e possuir uma relação fulcral com a Terra Indígena Xakriabá, em um contexto em que a Terra “além de ser uma herança indivisa, provedora da fartura e doada aos índios, a terra tem uma dimensão cosmológica anterior e muito forte. A Onça Cabocla e outros encantados possuem uma ligação imanente com a terra, e muito da atuação dos chefes gerais passava pela relação com estes¹⁵”. (COSTA e SANTOS, 2010, p.72).

Sobre a Onça Cabocla, importa dizer também que ela não é o único encantado considerado pelos Xakriabá. Há ainda, por exemplo, os encantados Bicho Homem, Pé

¹⁴ Fernandes em seu trabalho observa “É tão importante cuidar da criança que esse fato está relacionado à cosmologia. Yayá não gosta que a criança chore. Uma noite um casal saiu para uma festa e deixou a filha de nove meses com a avó. A avó contou que a neta não parava de chorar, queria a mãe. Então a onça cabocla apareceu, entrou na cozinha (uma casinha separada da casa), derrubou as vasilhas e saiu pela janela. Ficou rodeando a casa e só foi embora quando a menina parou de chorar. A avó falava da onça com intimidade e carinho, mas sentiu medo aquele dia. Disse que a onça só aparece em casa que não tem homem, por que ela sabe que as mulheres têm medo. O avô da menina estava em São Paulo no corte de cana. (FERNANDES, 2008, p.25).

¹⁵ O pesquisador Cássio Alexandre da Silva escreve que “em reuniões as lideranças pedem apoio a essa representação espiritual, mítica e religiosa. Também pode-se notar que sempre há algum objeto de artesanato que representa a onça nos momentos das reuniões, seja na casa, nas associações e na escola”. (SILVA, 2014, p. 151).

de Serra ou Caipora, todos encantados que governam as caças e encantam o mato, uma vez que “a associação entre mato e encanto é a ideia de que o mato tem encanto porque os bichos rareiam e abundam conforme querem os encantados”. (COSTA e SANTOS, 2010, p.156 e 162). Ademais, o encantado Onça Cabocla Iaiá não está presente apenas nas narrativas Xakriabá, mas aparece também, com determinadas diferenças, entre povos indígenas do Nordeste, e entre comunidades não indígenas do Vale do Urucuia e do São Francisco¹⁶. A esse respeito diz o pesquisador Rafael Barbi:

As relações com os encantados integram a socialidade e cosmologia de quase a todos os povos indígenas do Nordeste, especialmente aqueles que fazem parte da rede do submédio São Francisco. Mais do que isso, elas também fazem parte da vida de muitas cidades e comunidades ribeirinhas: mas há uma diferença sensível entre encontrar-se com a Onça Cabocla ou o povo do fundo num evento acidental e invocá-los deliberadamente. Se os encantados fazem parte de um contexto mais amplo, no qual se inserem os povos indígenas do São Francisco, os indígenas apresentam uma distinção por buscar relações deliberadas com eles através de diversos rituais, entre os quais se destaca o Toré. Não digo que as demais populações do São Francisco não invoquem os encantados, elas o fazem principalmente através de cerimônias dos cultos juremeiros, terreiros de umbanda e nos chamados “candomblés de caboclo” presentes por toda região nordeste do Brasil (ASSUNÇÃO, 2006). Mais importante é pensar que, se as relações deliberadas com os encantados são facultativas nas cidades e vilas ao longo do São Francisco, estas têm um caráter central entre os povos indígenas do rio. Além disso, em relação aos encantados, o contexto sanfranciscano guarda muitas similaridades com o amazônico que podem ser notadas em leituras das obras de Galvão (1954) ou Leacock (1975). (COSTA E SANTOS, 2010, p.28).

Por fim, desejo que este artigo tenha cumprido o seu objetivo de trazer as narrativas dos Xakriabá sobre a Onça Cabocla Iaiá, bem como alguns primeiros apontamentos sobre ela. No entanto, ao longo dele artigo ficou evidente a possibilidade da exploração de várias questões, como aquelas referentes ao “sentido” interno do grupo, tal qual minimamente sugerida por Costa e Santos ao falar que a referência à Iaiá como avó de todos os Xakriabá seria “um indicativo do reconhecimento de uma relação de parentesco” (2010, p.117). Há também a possibilidade de exploração da relação entre os mitos Xakriabá e de outros povos, como supramencionado na citação, e que poderia

¹⁶ “As narrativas sobre a Onça Cabocla coletadas entre os não-indígenas do vale do Urucuia e do São Francisco a descrevem como uma “bruxa” ou “velha tapuia” que acaba presa na forma de onça como castigo por se alimentar do sangue de “justos”. Esse é um aspecto importante, uma vez que a Iaiá é pensada pelos Xakriabá como uma potencial agressora dos não-indígenas. Mas exceto por esse aspecto, a versão urucuiana do mito é idêntica àquela encontrada entre os Xakriabá (Martins, 2006)”. (COSTA E SANTOS, 2010, p.165).

ser examinada numa perspectiva estruturalista¹⁷ (LEVÍ-STRAUSS; 2003, 1993, 2011), ou da mitologia comparada¹⁸, ou, no limite, até mesmo do Perspectivismo (VIVEIROS DE CASTRO, 2018).

Ademais, há questões possíveis surgidas de questionamentos envolvendo como as narrativas sobre a Onça Cabocla Iaiá, e sobre os demais encantados, se relacionam com as concepções cristãs das religiões dessa matriz existentes entre os Xakriabá¹⁹. Nesse sentido, por exemplo, persigo algumas pistas quando no artigo supracitado “Aspectos da religiosidade do povo indígena Xakriabá” (HORÁCIO, 2018) descrevo três distintos rituais - que categorizei da seguinte forma: um como familiar (um casamento celebrado pelo padre), outro como público (um conjunto ritual anual em uma aldeia e aberto, que ocorre em homenagem aos Mártires Xakriabá de 1987) e outro como secreto (o Toré) - objetivando compreender como se dá o agenciamento dos elementos religiosos, inclusive cristãos, nesses diferentes rituais.

De todo modo, as possibilidades de busca de compreensão dessas narrativas, só são menores do que a própria quantidade das narrativas e, sobretudo, bem menores do que a própria importância e potência dessas narrativas para o povo indígena Xakriabá.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce. A fumaça do metal. *Anuário Antropológico*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, volume 89, p.151-189, 1992.

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. *Introdução à Mitologia*. São Paulo: Paulus, 2014.

ARRUTI, José Maurício. A Produção da Alteridade: O Toré e as conversões Missionárias e Indígenas. In: MONTEIRO, Paula (Org.). *O Deus na Aldeia: missionários, índios e mediação cultural*. São Paulo: Globo, 2006.

COSTA E SANTOS, Rafael Barbi. *A Cultura, O Segredo e o Índio: diferença e cosmologia entre os Xakriabá de São João das Missões/MG*. MG, 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Minas Gerais.

¹⁷ As palavras de Costa e Santos são interessantes: “Noto uma semelhança entre a história da Onça Cabocla carrega e um conjunto de mitos presentes em “O Cru e o Cozido” (Lévi-Strauss, 2004). Nesses mitos os personagens que consubstancializam demasiadamente com os jaguares (coabitando, comendo carne e bebendo sangue) se tornam onças eles mesmos e acabam negados ou mortos pelos parentes, que não mais os reconhecem”. (COSTA E SANTOS, 2010, p.164).

¹⁸ Para uma introdução que apresente uma possibilidade de reflexão nessa perspectiva, ver: ALMEIDA JÚNIOR, 2014.

¹⁹ “O advento do protestantismo em terra indígena pode ter transformado essa suspeita de relação com o Diabo, mas mesmo os Xakriabá protestantes que eu conheci partilharam uma visão similar acerca da violência contra parentes próximos, do enriquecimento súbito e da avareza como sinais de pacto. Nunca conversei com nenhum que se referisse aos encantados como diabólicos, mas sei que há protestantes que professam essa opinião”. (COSTA E SANTOS, 2010, p.64).

COSTA E SANTOS, Rafael Barbi. Sobre cultura e segredo entre os Xakriabá de São João das Missões/MG. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.23, p1-381, 2014.

FERNANDES, Isabela Naves. *O uso de plantas medicinais e os processos rituais de cura entre os Xacriabá da aldeia Caatinguinha*, São João das Missões. MG, 2010. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2008.

HORÁCIO, Heiberle Hirsberg. Aspectos da religiosidade do povo indígena Xakriabá. *Revista Mundaú do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAL*, Alagoas, n.4, p.30-51, 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

OLIVEIRA, Alessandro Roberto de. *Política e Políticos Indígenas: a experiência Xakriabá*. Brasília, 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília.

PARAÍSO, Maria Hilda. Memória, sentimento e religião entre os Xakriabá do Norte de Minas Gerais. In: MONTENEGRO, A T. REZENDE, A. P. *História, cultura e sentimentos: outras histórias do Brasil*. MT: Ed.UFMT. Ed.Universitária UFPE, 2008.

SANTOS, Ana Flávia M. *Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra indígena Xakriabá: as circunstâncias da formação de um povo. Um estudo sobre a construção social de fronteiras*. Brasília, 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília.

SILVA, Cássio Alexandre da. *A natureza de um território no sertão do Norte de Minas: a ação territorial dos Xakriabá*. Uberlândia, 2014. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Uberlândia.

SILVA, Rogério Correa da. *Circulando com os meninos: infância, participação e aprendizagens de meninos indígenas Xakriabá*. Belo Horizonte, 2011. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais.

SILVEIRA, Elza Gonçalves da. *Sobre a literatura Xakriabá*. Belo Horizonte: FALE/UFMG: CGEEI/SECAD/MEC, 2005.

SOUZA, Fabiano José Alves. *Os Pataxó em morros brutos e terras fanosas: Descortinando o movimento das puxadas de rama*. São Carlos/SP, 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos.

TEIXEIRA, Isis Aline V. *Conhecendo a Vida das Mulheres Xakriabá: Gênero e Participação*. Belo Horizonte, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*: São Paulo: UBU Editora, N-1 edições, 2018.

XAKRIABÁ, Ranison. *Xakriabá e suas pinturas corporais*. Tabebuia índios, pensamento e educação, Belo Horizonte, Ano 1, 2010.

XAKRIABÁ, Célia. *Tecendo história Xakriabá*. Manzuá, nº1, setembro de 2016.

XACRIABÁ, Povo. *Iaiá Cabocla*. Belo Horizonte: FALE/UFMG: CGEEI/SECAD/MEC, 2005b.

XACRIABÁ, Povo. *O tempo passa e a história fica*. Belo Horizonte: SEEDUCMG, coordenação editorial Maria Inês de Almeida. 1997, 1ª edição.

XACRIABÁ, Povo. *Com os mais velhos*. Belo Horizonte: FALE/UFMG: CGEEI/SECAD/MEC, 2005a.

(Recebido em abril de 2018; aceito em abril de 2018)